

APRECIÇÃO MUSICAL PARA ADOLESCENTES

Ana Lúcia Iara Gaborim Moreira

O trabalho realizado durante o ano letivo de 2000, no Colégio Rosely Scarati (SP), com alunos de 5a a 8a séries teve como objetivo desenvolver uma escuta musical crítica e consciente, bem como levar os alunos a conhecer obras, compositores e intérpretes diferentes daqueles que a mídia veicula, em especial a música erudita. Mesclando atividades de escuta ativa (analisando elementos musicais, como andamento, dinâmica, forma, instrumentos utilizados, etc.), debates, vídeos, jogos rítmicos e até mesmo compondo, desenvolvemos a sensibilização através da música, trabalhamos com notação e leitura musical, construímos conceitos a partir da experiência dos alunos, tivemos noções de técnica e saúde vocal, harmonia e interpretação através do trabalho de canto coral.

Para que as aulas de músicas fossem motivadoras, criativas e que despertassem o interesse dos alunos, a estratégia utilizada foi estabelecer um acordo logo no início: ouviríamos e cantaríamos músicas escolhidas por eles e músicas escolhidas por mim. – nenhuma música poderia ser taxada de “brega”, “velha”, “chata” ou “boba” e ninguém seria criticado por seu gosto musical.

O primeiro passo foi desenvolver a escuta. Levei para a sala de aula uma fita K-7 contendo músicas de diferentes épocas e estilos. Os alunos deveriam escutá-las e encontrar as diferenças mais perceptíveis, descrevendo-as com suas próprias palavras, tais como: andamento, dinâmica, instrumentação, caráter, estrutura (a grosso modo), etc. Em seguida, percebemos o que elas tinham em comum. Nas aulas seguintes, os alunos trouxeram músicas escolhidas por eles e fizemos o mesmo trabalho. Esta etapa foi muito importante para que eu soubesse o que os alunos conheciam e gostavam de ouvir para que houvesse respeito com relação ao gosto e à opinião pessoal.

Num segundo momento, iniciamos as atividades de canto. Este trabalho foi mais cuidadoso, pois muitos alunos se sentiam envergonhados para cantar e até mesmo se consideravam “desafinados”, mesmo sem saber o significado da palavra. Constatei que muitos alunos não tinham o hábito de ouvir a própria voz - ou porque cantavam sobre uma música em volume muito alto (incluindo o walkman) ou porque não tinham o hábito de cantar “a capella”. Então estudamos a classificação das vozes de um coral (sopranos, contraltos, tenores e baixos), tendo a consciência de que a voz é uma característica física - não é possível escolhê-la, mas podemos aperfeiçoá-la, praticando o canto, usando-a da maneira correta e desenvolvendo hábitos saudáveis.

Neste período, estávamos comemorando os “500 anos do descobrimento do Brasil” e haveria um evento no colégio envolvendo toda a comunidade escolar. Foi solicitado que as crianças de 5a a 8a série se apresentassem cantando músicas brasileiras, que exaltassem o Brasil ou que tivessem

sido importantes na nossa história. Juntamente com a professora de história, que trabalhou o conteúdo das letras e o período histórico ao qual pertenciam, escolhemos as músicas e assim, os alunos tiveram sua primeira apresentação. Os aplausos e a experiência de estar em frente ao público foi extremamente motivadora. Trabalhamos posteriormente com cânones, jogos em que as crianças se apresentavam cantando individualmente e arranjos a duas vozes e o canto fluiu de maneira natural, tendo o interesse de todos.

Intercalando as atividades do coral, fomos estudando alguns conceitos musicais, tais como: “O que é Música?”, “Qual a diferença entre música clássica (erudita) e música popular?”, “O que é música folclórica?”, “O que é uma orquestra e como é formada?”, “Qual o papel de um regente?”, etc. Estas definições foram construídas a partir do conhecimento dos alunos, da seguinte maneira: a pergunta era colocada na lousa e os alunos deveriam respondê-la com suas próprias palavras em um pequeno pedaço de papel, sem identificar-se, que foi entregue a mim. Li o que foi escrito por cada aluno, e fomos refletindo sobre o que era certo e o que era errado, chegando juntos a uma definição que foi escrita na lousa. Assim, pudemos esclarecer cada um dos tópicos acima citados, desenvolvendo a argumentação e chegando a um acordo comum.

O terceiro passo a ser tomado era desenvolver o pensar musical, desenvolvendo o senso crítico, considerando a música como uma linguagem, analisando os elementos a compõem - os sons - e, de maneira muito simples, estudando a "forma" de cada música. Estudamos, com o auxílio de textos e figuras e sobretudo ouvindo músicas, os estilos, os instrumentos (desde os que integram a orquestra até os elétricos/eletrônicos) e o ritmo - este, trabalhado através de jogos que usam o esquema corporal. Além disso, voltamos a falar sobre andamento, dinâmica, caráter e estrutura, desta vez explicando o significado destas palavras, ou seja, usando um vocabulário mais apropriado, mais "técnico".

Posteriormente, os alunos realizaram um trabalho onde, em grupos, deveriam escolher uma música e analisá-la. Eles perceberam como é difícil escolher uma música que seja do agrado de todos e chegar a um acordo, pois a música não é uma ciência exata - ao contrário, é uma ciência humana, e cada um a percebe de uma forma. Mas o que mais me surpreendeu neste trabalho foi que a maioria das músicas levadas para a sala de aula não eram atuais - foram escolhidas músicas compostas por grupos musicais que nem existiam mais, ou que eram mais populares em outras décadas, cantadas por outras gerações. E foi ainda mais curiosa a atitude dos alunos em "defender" a sua música, argumentando sobre a qualidade das mesmas, da mensagem por elas transmitidas e até mesmo criticando músicas escolhidas por outros grupos que, segundo eles, tinham uma composição "simples" e não tinham nada de construtivo.

Dando continuidade, desenvolvemos a composição. Analisando a prosódia de diversas músicas populares e trabalhando com músicas folclóricas, começamos a fazer "versões" para

músicas já existentes. Realizamos também uma outra atividade onde os alunos ouviam diversas músicas e deveriam criar uma redação, baseada naquilo que sentiam ou que a música transmitia enquanto escutavam, refletindo sobre a intenção dos compositores ao criar e dando importância à música como uma maneira de comunicar sentimentos, mesmo sem usar as palavras. Outra atividade semelhante foi a de criar um título para a música ouvida e depois compará-lo com o título escolhido pelo compositor.

Nossa última etapa foi desenvolver a notação musical. Os alunos foram aprendendo a ler e a construir uma partitura, estudando as claves, notas, figuras, fórmulas de compasso, sinais de repetição, a aplicação da dinâmica e do andamento, a colocação da letra, etc. Para isso realizamos atividades onde os alunos escutavam músicas conhecidas e acompanhavam a partitura e exercícios escritos para reconhecimento do nome das notas, contagem de tempos (valores), etc - como os que são dados nas aulas de teoria das escolas e conservatórios de música.

Acredito ter contribuído grandemente com a Educação Musical em nosso país através deste trabalho de cinco vertentes - o escutar, o fazer - interpretar (através do canto), o pensar, o criar e o escrever música -, pois, como resultado, os alunos foram compreendendo melhor o que é “qualidade” e “bom gosto” musical, repensando, ampliando e assumindo suas preferências, selecionando melhor o que ouvir- abandonando a escuta passiva que lhes é imposta pela mídia -, criando, cantando, valorizando a cultura musical brasileira e interagindo com a música de maneira consciente, formando uma geração de apreciadores e críticos musicais.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Joaquim. A poesia da canção. Ed. Scipione, São Paulo, 1996.

COTRIM, Gilberto. Educação artística: expressão corporal, musical, plástica. Ed. Saraiva, São Paulo, 1977.

JEANDOT, Nicole. Eu solfejo, cantando as canções da minha terra. Irmãos Vitale, São Paulo, 1971.

SHAFER, Murray. O ouvido pensante. Ed. Unesp, São Paulo, 1991.

TINHORÃO, José Ramos. Pequena história da música popular. 6 ed. São Paulo, Art Editora, 1991.